

— APOSTILA DO MÓDULO 5 - PARTE II

Orientações para acessibilidade na produção de materiais educativos em saúde

**Curso de Acessibilidade e os Princípios do SUS:
Formação Básica para Trabalhadores da Saúde**

Parte II

Valéria Machado da Costa e Luciana Danielli de Araujo



Acessibilidade e os princípios do SUS

2019 Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Valéria Machado da Costa

EQUIPE DO PROJETO

Aline da Silva Alves

Carolina Sacramento

Luciana Danielli de Araujo

Margareth Prevot

Marina Maria Ribeiro Gomes da Silva

PRODUÇÃO

Grupo de Trabalho sobre Acessibilidade do Icict/Fiocruz

CONTEUDISTAS

Valéria Machado da Costa

Luciana Danielli de Araujo

DESIGN E IDENTIDADE VISUAL

Luciana Baptista

REVISÃO TEXTUAL

Deisilane Oliveira da Silva

NORMALIZAÇÃO E CATALOGAÇÃO

Luciana Danielli de Araujo

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE CENTRO DE TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – CTIC
Tels.: (21) 3865-3273 – 3865-3271

LICENÇA PARA USO



Todo conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalvas, é publicado sob a licença Creative Commons atribuição 4.0

Ficha Catalográfica

C837o

Costa, Valéria Machado da.

Orientações para acessibilidade na produção de materiais educativos em saúde. Parte II. Módulo 5. Orientações para acessibilidade na produção de materiais educativos em saúde / Valéria Machado da Costa ; Luciana Danielli de Araujo ; coordenação de Valéria Machado da Costa. – Rio de Janeiro : Fiocruz/Icict, 2019.

13p. : il. color. Parte 2.

1. SUS. 2. Acessibilidade. 3. Formação de Recursos Humanos em Saúde. 4. Materiais Educativos em Saúde. 5. Recursos Educacionais Abertos. I. Araujo, Luciana Danielli. II. Título.

CDD 305.614

Sumário

– RECOMENDAÇÕES PARA CRIAÇÃO DE MATERIAIS EDUCATIVOS ACESSÍVEIS EM SAÚDE	4
– 1.1 ORIENTAÇÕES PARA CLAREZA DA MENSAGEM	6
– 1.1.1 ORIENTAÇÕES PARA UMA MENSAGEM CLARA PARA PESSOAS SURDAS	6
– 1.2 ORIENTAÇÕES PARA CLAREZA DO TEXTO	6
– 1.2.1 ORIENTAÇÕES PARA UM TEXTO ACESSÍVEL PARA PESSOAS SURDAS	7
– 1.3 ORIENTAÇÕES SOBRE USO DE IMAGENS	7
– 1.3.1 ORIENTAÇÕES PARA O USO DE IMAGENS ACESSÍVEIS PARA PESSOAS SURDAS	8
– 1.4 ORIENTAÇÕES PARA VÍDEOS ACESSÍVEIS A PESSOAS SURDAS	8
– 1.4.1 ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS PARA INTÉRPRETES DE LIBRAS	10
– 1.5 ORIENTAÇÕES SOBRE LAYOUT ACESSÍVEL A PESSOAS SURDAS	10
REFERÊNCIAS	12

01 **Recomendações para criação de materiais educativos acessíveis em saúde**

Não há um guia que oriente a criação de materiais educativos acessíveis em saúde. Nesta seção, apresentaremos um cruzamento de informações de diferentes fontes, de modo a criar um pequeno manual ou orientações importantes para a criação de materiais educativos em saúde.

Vale lembrar que estas orientações são voltadas para garantir acessibilidade ao público surdo, não contemplando orientações de acessibilidade para outros tipos de deficiência. Essa escolha se deve não só pelo foco deste curso, mas também porque um dos primeiros itens a serem considerados quando criamos um material educativo/informativo é a definição de seu público prioritário.

Claro que isso não significa que os conteúdos na área de saúde devam atender apenas a este público, muito pelo contrário, todos devem ser contemplados nas campanhas de saúde. No entanto, seria ineficiente acrescentarmos aqui muitas orientações, o que poderia acabar atrapalhando o leitor a apreender com clareza as diretrizes voltadas para acessibilidade para surdos.

Para a elaboração dessas orientações, tomamos como base alguns estudos e materiais, cuja íntegra estará disponível para consulta no nosso módulo. São eles:

- [Simply Put A guide for creating easy-to-understand materials \(Centers for Disease Control and Prevention\) - versão em inglês](#)
- [Compreensão de Conteúdo Multimídia na Web por Deficientes Auditivos Pré-Linguísticos: um Estudo de Caso com Campanhas de Saúde - Dissertação de Ney Cavalcante \(2015\).](#)

- [Diretrizes para design de recursos educacionais digitais voltados à educação bilíngue de surdos](#)¹- tese de Maria Nilza Quixaba (2017).
- [Visualização do conhecimento por meio de narrativas infográficas na web voltadas para surdos em comunidades de prática](#) - Tese de Mariana Lapolli (2014).

Com base nestes estudos, faremos um compilado geral das recomendações, agrupadas por temas, de modo a facilitar a compreensão do leitor. (Quadro 1)

1 Para ter acesso à tese de Doutorado originária deste artigo, acesse <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172201>

1.1 Orientações para clareza da mensagem

1. Apresente a logo no início a informação principal.
2. Limite o número de mensagens (no máximo 3 a 4 ideias por documento ou seção).
 - a. Foque no que seu público precisa saber e fazer.
 - b. Atenha-se a uma ideia por vez.
 - c. Evite listas longas (use bullets ao invés de vírgulas).
3. Diga a seu público prioritário o que ele precisa fazer.
 - a. Expresse claramente as ações que devem ser feitas pela audiência.
 - b. Seja positivo: diga o que é preciso fazer ao invés do que não deve ser feito.

1.1.1 Orientações para uma mensagem clara para pessoas surdas

1. Apresente o conteúdo da campanha por partes para garantir a leitura e compreensão do texto.
 - 1.1 Explícite cada parte da campanha e a sequência em que devem ser lidas.
 - 1.2 Apresente um resumo após a leitura completa com os principais tópicos.
2. Enfatize repetidamente a faixa etária do público prioritário da campanha.
 - 2.1 Quando houver esquema vacinal, destacar o período e duração da vacinação.
 - 2.2 Explícite o motivo da escolha da faixa etária do público prioritário mais enfaticamente.

1.2 Orientações para clareza do texto

1. Apresente frases e palavras curtas.
2. Comunique-se como se você estivesse falando com um amigo.
3. Evite o uso de jargões, termos técnicos ou linguagem científica.
4. Escolha palavras com um significado ou conotação únicos.
5. Seja consistente com o uso das palavras.
6. Use analogias familiares à audiência.
7. Evite acrônimos e abreviaturas desnecessários.
8. Limite o uso de estatística e use termos como a maioria, muito, metade.

1.2.1 Orientações para um texto acessível para pessoas surdas

1. Utilize palavras mais simples tornando o conteúdo textual mais compreensível.
 - 1.1 Disponibilize conteúdo suplementar ou versão mais simples que permita ao surdo entender o conteúdo.
 - 1.2 Evite textos com muitas informações e linguagem prolixa.
 - 1.3 Evite algumas preposições, tais como: entretanto, todavia, contudo.
 - 1.4 Utilize preposições mais simples: mas, porém.
 - 1.5 Utilize glossário com sinônimos para palavras mais difíceis.
 - 1.6 Explique o significado de siglas dos nomes das doenças cada vez que aparecerem.
 - 1.7 Evite palavras de outros idiomas, gírias e neologismos.
 - 1.8 Atenção para o uso de uma comunicação não-discriminatória. ((re)veja vídeo sobre este tema no módulo 2).

2. Permita que o usuário possa redimensionar o tamanho da fonte do texto, sem desfocar a fonte.
 - 2.1 Possibilitar o redimensionamento, sem tecnologia assistiva de até 200%, sem perder conteúdo ou funcionalidade.
- 1.2. Evitar a utilização de fontes que percam o foco quando aumentadas.

1.3 Orientações sobre uso de imagens

1. Escolha o melhor tipo de imagem para seus materiais (com base em sua função comunicativa).
 - 1.1 Fotografias são melhores para mostrar eventos da vida real, pessoas e emoções.
 - 1.2 Imagens mais simples são melhores para enfatizar pontos específicos, tais como:
 - 1.2.1 Mostrar um procedimento.
 - 1.2.2 Discutir problemas sociais mais sensíveis.
 - 1.2.3 Explicar eventos invisíveis ou difíceis de ver
- 1.3 Use imagens simples e evite detalhes desnecessários.

2. Torne as imagens culturalmente relevantes e sensibilizadoras.
 - 2.1 Use imagens e símbolos familiares a sua audiência.

3. Torne a parte visual fácil de ser entendida pelo público prioritário.
 - 3.1 Coloque as imagens próximas ao texto ao qual fazem parte.
 - 3.2 Use pequenas legendas que incluam a mensagem central.
 - 3.3 Quando for mostrar uma sequência, numere as imagens.
 - 3.4 Use pistas (marcadores como setas e círculos) para mostrar elementos-chave da imagem.

4. Use imagens realísticas para ilustrar partes internas do corpo ou pequenos objetos.
 - 4.1 Use imagens realísticas para contextualizar

4.2 Para que o público tenha noção da escala, ao ampliar objetos para mostrar detalhes, coloque-os próximos a outro, de modo a demonstrar o tamanho.

4.3 Imagens devem ter boa resolução, cor e contraste adequados, e uma boa composição.

1.3.1 Orientações para o uso de imagens acessíveis para pessoas surdas

1. Selecione imagens criteriosamente para facilitar a compreensão do conteúdo e entendimento do contexto.

1.1 Utilize imagens que permitam que o surdo entenda o contexto da mensagem. Por exemplo: o corpo humano ou uma pessoa com sintomas da doença.

1.2 Utilize descrição das imagens explicando o significado da mesma dentro do contexto da mensagem.

1.3 Evite imagens que denotem muita alegria ou felicidade, pois confundem a percepção dos surdos em campanhas de saúde.

1.4 Evite imagens muito coloridas que possam distrair o usuário.

1.5 Evite o uso de imagens que denotem muita alegria ou felicidade, pois confundem a percepção dos surdos em campanhas de saúde.

1.4 Orientações para vídeos acessíveis a pessoas surdas

1. Utilize legendas com linguagem mais simples e adaptada para os surdos.

1.1 Use legendas para todo o conteúdo, efeitos sonoros de risadas, músicas e não apenas diálogos (que é a orientação da Legendagem para surdos e pessoas ensurdecidas - LSE - apresentada no Módulo 4 deste curso)

2. Aproxime o contexto do recurso ao “mundo do surdo”.

2.1 Use informações retiradas de contextos vivenciados pelos surdos. Por exemplo, apresente piadas oriundas da comunidade surda e outros artefatos culturais que permeiam essa comunidade.

3. Use sons. Isso pode ser estimulante, mesmo para surdos.

3.1 Alguns surdos têm resíduos auditivos (perda parcial da audição) e podem gostar de sentir vibrações sonoras. O som disponibilizado pode ser de uma música, poesia ou uma narração. O som pode ser estimulante, uma vez que os surdos apresentam diferentes níveis de perda auditiva.

4. Quando o recurso tiver canção, insira a sua legenda e a interpretação

em Língua de Sinais.

- 4.1 Recomenda-se que seja disponibilizada a legenda e a sinalização sincronizadas com a letra da música e, se possível com a melodia da música.
5. Na montagem, inserir intervalos que permitam o estudante pausar os vídeos.
 - 5.1 O controle do tempo de reprodução permite ao estudante definir o ritmo que ele consegue assistir ao vídeo.
6. Sincronize o tempo de fala com a imagem e a legenda.
 - 6.1 Adeque o tempo de exibição da imagem com a tradução do que está sendo dito/falado, não devendo nenhuma dessas formas se sobrepor com o que está sendo sinalizado.
7. Evite o excesso de imagens em movimento, pois pode distrair o usuário surdo.
 - 7.1 Utilize imagens que permitam que o surdo entenda o contexto da mensagem passada (ver neste módulo orientações sobre função comunicativa da imagem).
 - 7.2 Evite vídeos longos, dando preferência por mensagens curtas e enfáticas.
 - 7.3 Forneça interpretação em Libras para o conteúdo textual pré-gravado apresentado nas legendas em uma **pequena janela no canto** da tela com uma intérprete²



Obs.: Sobre o tamanho da janela de Libras, Cavalcante (2015) afirma que a janela seja pequena (como citado acima), mas vimos no Módulo 4, sobre Tecnologia Assistiva, que nos últimos anos têm sido feitas experiências com o formato/posição/tamanho da janela de interpretação de Libras, com boa receptividade entre os surdos.

Já com relação à orientação de Lapolli (2014) de que “a janela do vídeo em língua de sinais deve ter um tamanho que permita visualizar bem os movimentos das mãos e a expressão facial do intérprete, ela faz referência ao infográfico, isto é, na hora de compor a página com o infográfico, o designer deve deixar espaço suficiente para a abertura de uma janela de vídeo com o intérprete de Libras que seja agradável de ver.

8. Insira uma etapa de avaliação com pelo menos um usuário surdo, antes de distribuir o recurso.
 - 8.1 É aconselhável que estes usuários avaliem se as imagens, textos, sinalizações e velocidade das informações apresentadas estão adequadas às necessidades dos surdos.

² Para campanhas de saúde, a gravação com intérprete de Libras seria feita apenas uma vez, pois os canais de divulgação dessas campanhas são sites que não são muito dinâmicos ou com constante mudança ou atualização de conteúdos.

1.4.1 Orientações específicas para intérpretes de Libras

1. As mãos devem estar sem acessórios para não interferir na comunicação.
 - a. Não use anéis e pulseiras, e não segure utensílios com as mãos.
2. Quando for necessário fazer a datilologia (soletração) de uma palavra no recurso, deve ser observada a velocidade, de forma que não impeça o surdo de entender a mensagem.
 - a. Considere que nem todas as pessoas têm a mesma velocidade para acompanhar o soletramento. Por isso, recomenda-se executar a sinalização, pausadamente.
3. O vestuário do intérprete deve ser simples, e a cor da roupa deve contrastar com a cor da pele do intérprete.
 - a. Evite roupas com mangas compridas e desabotoadas no punho, pois o movimento das mãos pode balançar o punho da camisa e dificultar o entendimento da articulação do sinal. As mangas longas devem estar abotoadas ou dobradas para facilitar a visualização da mão. A cor da roupa deve contrastar com a cor da pele do intérprete.
4. Sempre que possível faça a opção por usar sinais de Libras que já tenham ampla divulgação nos dicionários digitais ou impresso.
 - a. O uso de sinais que já tenham ampla divulgação em dicionários evita incompreensões no entendimento da mensagem a ser passada.
5. Apresente o contexto das sinalizações, de forma que seja possível identificar elementos gramaticais e outros aspectos que envolvem a língua de sinais.
 - a. Sinalizações contextualizadas permitem identificar o emprego de sinais de pronomes, verbos, substantivos, bem como traços econômicos e socioculturais da comunidade da qual pessoas surdas fazem parte.
6. Use sinais de classificadores (configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal cumprem a função de marcar a concordância), pois isso facilitará a compreensão da sinalização em Libras.
 - a. O uso de classificadores pode deixar as informações mais claras e simplificadas, porque esses sinais apresentam características que lembram a forma ou movimento do referente.

1.5 Orientações sobre layout acessível a pessoas surdas

1. Adote um layout simples e conciso.
2. Separe adequadamente do primeiro plano e plano de fundo, com a utilização de cores adequadas para facilitar a leitura do conteúdo.
 - 2.1 Evite o uso de algumas cores nas fontes, tais como laranja e vermelho.
 - 2.1 Utilize plano de fundo que combine com a cor da fonte e possibilite a leitura.

Além de seguir estas orientações mais voltadas para a criação do conteúdo, é importante que os autores destes conteúdos os disponibilizem com uma licença aberta, de modo que permitam adaptações de seu material (principalmente nos casos em que o material original não é acessível³). Na seção 4 deste módulo falaremos com mais profundidade sobre estes recursos com licenças abertas, os recursos educacionais abertos.

3 Vale ressaltar que os vídeos deste módulo foram editados, sendo incluídos recursos de acessibilidade, como audiodescrição e janela de Libras, porque suas licenças permitiam.

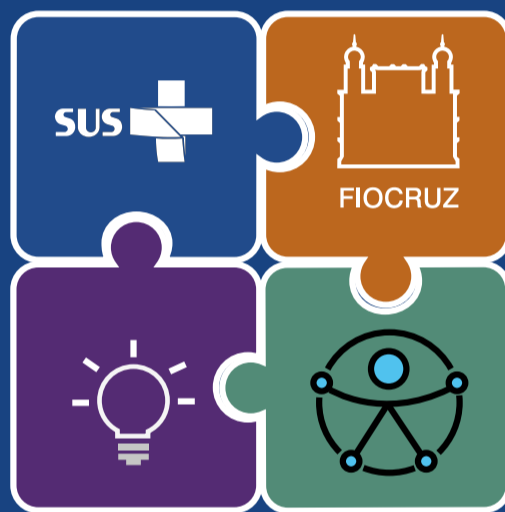
Referências

CAVALCANTE, N. W. F. **Compreensão de conteúdo multimídia na web por deficientes auditivos pré-linguísticos: um estudo de caso com campanhas de saúde.** 2015. 142 f. (Dissertação em Informática). Programa de Pós-Graduação em Informática. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. Disponível em: <http://nau.uniriotec.br/images/pdf/orientacoes/mestrado/2014-dissertacao-ney.pdf>. Acesso em 20 dez. 2018.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Simply put: a guide for creating easy-to-understand materials.** Disponível em: https://www.cdc.gov/healthliteracy/pdf/Simply_Put.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.

LAPOLLI, M. **Visualização do conhecimento por meio de narrativas infográficas na web voltadas para surdos em comunidades de prática.** 2014. 279f. Tese (Doutorado em Gestão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em : <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/06/Mariana-Lapolli.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2018.

QUIXABA, M. N. O. **Diretrizes para projeto de recursos educacionais digitais voltados à educação bilíngue de surdos.** 2017. 127f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) - Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172201>. Acesso em: 27 dez. 2018.



Acessibilidade e os princípios do SUS